



A Ausência Total ou Parcial de Rituais Funerários durante a Pandemia de Covid 19 e os Impactos nos Processos de Luto: um estudo de casos no município de Americana, SP

Palavras-chave: Covid-19; Ritual Funerário; Luto.

Paula Rodrigues Lopes, IFCH - Unicamp

Prof. Dr. Omar Ribeiro Thomaz (orientador), IFCH - Unicamp

INTRODUÇÃO

Foi possível perceber uma grande mudança na dinâmica ritual nos últimos anos, com destaque aos anos de 2020 e 2021, devido à ocorrência da pandemia de Covid 19 que afetou os sistemas de saúde e funerários. Não raro, foi possível ouvir histórias e relatos de parentes enlutados que não puderam realizar seus ritos fúnebres e se despedir de seus entes queridos, bem como daqueles que tiveram que conviver com corpos em decomposição em suas casas ou nas ruas por não haver materiais para enterro como caixões, sepulturas, trabalhadores e até o uso de frigoríficos para o armazenamento de corpos.

Rituais são imprescindíveis para a percepção de existência de um indivíduo perante a sociedade na qual ele está inserido, sejam solenidades religiosas ou não. Quanto aos rituais fúnebres, não é diferente, pois o funeral pode ser considerado como um rito de passagem que confirma a existência desse indivíduo em tal comunidade e o transfere do grupo dos vivos para o dos mortos. Excluir parentes e amigos da guarda do cadáver, o velório, é também como os abster-se de todo o seu ciclo de vida e seu encerramento. Ou seja, é como se nunca tivessem fechado a “porta” da história dessa pessoa.

METODOLOGIA DA PESQUISA

Neste projeto foi-se utilizado uma metodologia multifacetada, abrangendo aspectos não só da antropologia, mas também da psiquiatria e psicanálise, com o objetivo de compreender todas as possíveis faces do luto dos indivíduos observados. Por isso, foram escolhidas como base as obras da psiquiatra suíço-americana Elisabeth Kübler-Ross (1969), especialista em luto e que desenvolveu o *Modelo Kübler-Ross* onde o processo de luto é dividido em 5 etapas, sendo elas:

1. Negação: “Por que isso está acontecendo comigo?”;
2. Raiva: “Por que eu? Isso não é justo”;
3. Barganha: “Deixe-me viver pelo menos até meus filhos crescerem”;
4. Depressão: “Estou tão triste. Por que devo me preocupar com qualquer coisa?”;
5. Aceitação: “Eu não consigo lutar contra isso, é melhor preparar-me”.

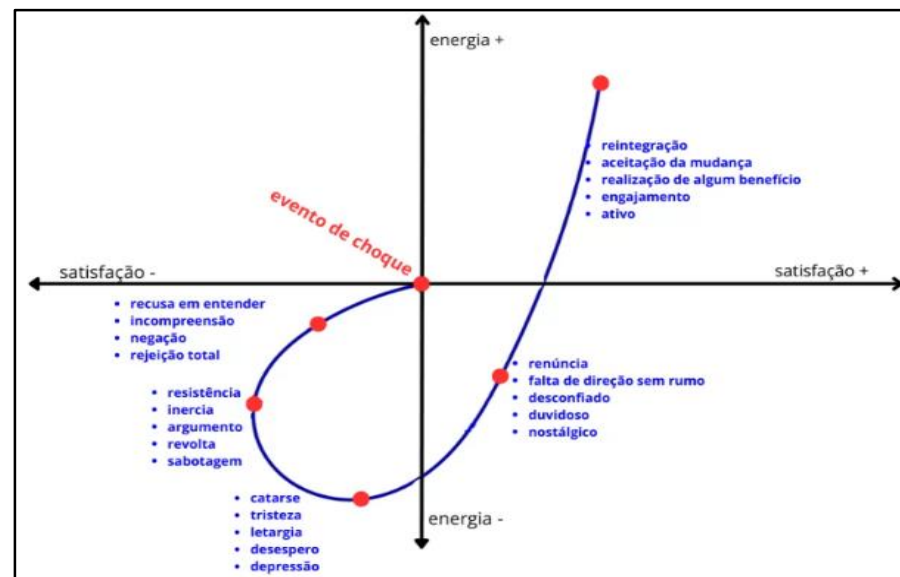


Fig 1: Infográfico do Modelo Kübler-Ross
(<https://palestraparaprofessores.com.br/temas/luto/>)

Esse modelo foi aplicado a partir de questionários padronizados para a avaliar os estágios de luto propostos por Kübler-Ross, que ajudaram a selecionar casos a serem entrevistados. Tais entrevistas teve por objetivo alcançar a abertura do imaginário dos entrevistados sobre o assunto abordado, levando-os a expressar com suas palavras suas percepções do que foi esse período e como os impactou psicologicamente.

A análise dos dados coletados será conduzida por meio de análise de conteúdo para identificar padrões e temas emergentes relacionados aos efeitos da ausência de rituais funerários no processo de luto, preservando a análise qualitativa do material coletado.

OBJETIVOS E RESULTADOS

1. Levantamento de dados acerca da incidência de casos de Covid na cidade de Americana, SP;
2. Mapeamento das regiões mais afetadas pela Covid no município e relacionar as famílias enlutadas;
3. Tipificação dos perfis familiares: classe econômica, estilo de vida, estrutura familiar;
4. Coletar e descrever práticas funerárias, suas dependências e adaptações ao período de maior intensidade durante a pandemia, 2020 à 2021;
5. Compreender a face psíquica atingida pela Covid 19;
6. Apresentar em forma de relatos o processo das famílias observadas.
7. Documentação escrita e imagética de entrevistas com famílias acometidas pela Covid 19.

Americana é um município de 242 mil habitantes, tendo registrado oficialmente 1002 mortes por Covid-19, mas apresentando até 98% de mortalidade em seu pico no Hospital Municipal. Como resultado foi possível analisar as imensas lacunas que a Pandemia deixou aberta nas vidas de tantas pessoas, impactando nas dinâmicas familiares de recuperação do luto.



Fig. 2: Boletim oficial de divulgação de casos de Covid-19 em Americana divulgados nas páginas oficiais da prefeitura (Instagram e Facebook)



Fig. 3: Hospital Municipal de Americana (Acervo Secretaria de Saúde)

A pandemia de COVID-19 trouxe consigo não apenas desafios para a saúde pública, mas também impactou profundamente os aspectos emocionais e psicológicos das pessoas ao redor do mundo, alterando pequenas e grandes estruturas sociais a partir das adaptações necessárias durante o período; bem como vivenciado em períodos históricos como a Peste Negra (Peste Bulbônica), a pandemia de Varíola, Cólera e Gripe Espanhola.

Por um lado, há um grande avanço científico alavancado pela necessidade de sobrevivência e manutenção da comunidade, conflitando os interesses éticos e capitais. Por outro lado, é visível os abismos sociais vivenciados por milhares de pessoas, que no Brasil teve como grande parte da determinação a qualidade do atendimento que seria recebido por aquele indivíduo, mas que não definia quem seria ou não acometido pela doença. A Covid-19 é uma doença universal, acometendo crianças, jovens, adultos e idosos, brancos, pretos e indígenas, classes baixas ou classes altas.

Luto prolongado: negação e raiva

Uma das características mais impactantes no processo de luto das famílias durante o período pandêmico foi o impedimento da despedida do ente, seja em vida ou morte.

Muitos dos casos os indivíduos eram internados e pouco se sabia sobre seu estado de saúde, sendo apenas avisado aos parentes de seu óbito. A família recebia um caixão lacrado com um corpo embrulhado em plástico, negando a possibilidade de reconhecimento do corpo e a concretização da mente de que aquela pessoa já não mais estava viva. Essas intercorrências causaram um padrão de luto negacionista, levando muitos a acreditarem que aquela pessoa não havia morrido de fato e que algum dia retornará, próximo aos processos psíquicos das famílias que lidam com desaparecidos. Outro negacionismo presente foi a crença de que aquela pessoa não veio ao óbito por Covid, mas que o atestado era também um complô contra o Governo e uma invenção política.

Em contrapartida, o luto raivoso apareceu como uma forma protestante a forma como a pandemia foi tratada pelo Governo Brasileiro. Não raro é possível ouvir “Se ele/a tivesse tido acesso a vacina, talvez ainda estivesse vivo”. Essa raiva manifestou-se das mais diversas formas durante os anos em que se deu a pandemia



Fig 3. Ato em memória as vítimas de Covid-19 no Rio de Janeiro – Foto Divulgação/ Rio da Paz

Esse sentimento de raiva muitas vezes se misturou com os sentimentos de culpa e arrependimento, com a sensação de que havia mais coisas a serem feitas para poupar as vidas que foram ceifadas pelo vírus.

CONCLUSÕES

A Covid-19 trouxe a luz uma face pouco reconhecida dos processos da morte e do morrer, a solidão. Seja ela do indivíduo acometido pela doença, em isolamento daqueles que ama, sem poder se despedir, como também daqueles que ficam em vida com uma lacuna aberta.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou o fim oficial da Pandemia de Covid-19 no dia 5 de Maio de 2023, mas é preciso reafirmar a importância histórica que esse período teve, positiva ou negativamente. A Covid-19 é um “Nó” histórico que marcará um antes e um depois.

Foram seis milhões e novecentos e três mil mortos por Covid-19 no mundo todo (6.903.467). Quando estamos falando em milhões de mortos, os nomes viram números, as lembranças facilmente se misturam entre si, nos acostumamos com a quantidade de mortos aumentando dia após dia e a dor passa a ser um sentimento coletivo e normalizado.

Dar voz às famílias enlutadas é trazer uma face sensível e acolhedora a todas as vidas que foram ceifadas e as histórias que não puderam ser contadas. Dar a mesma importância para a família enlutada de uma cidade interiorana como Americana, da mesma forma como foi dado às mortes de famosos como Paulo Gustavo, Agnaldo Timóteo e Nicette Bruno. Não foram apenas seis milhões de mortos, foram seis milhões de vidas, de sonhos, de famílias, de Nomes.

BIBLIOGRAFIA

- KÜBLER-ROSS, E. *Sobre a morte e o morrer*. Rio de Janeiro: Editora Martins Fontes; 1985.
- FREUD, S. *Luto e Melancolia*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1917 [1915]/1974
- HERTZ, Robert, “*A Representação coletiva da morte*”, *L’Année Sociologique*, Presses Universitaires de France, Paris, 1907
- GENNEP, Arnold van, “*Os ritos de passagem*”, Paris, Emile Nourry, 1909 (Trad. Bras. Mariano Ferreira. Apresentação de Roberto Da Matta. 3ª ed. Petrópolis, Vozes, 2011)
- Souza, C. P. (2008). *Rituais fúnebres: Suas contribuições para a compreensão do processo de luto* (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade Federal do Pará, Faculdade de Psicologia, Belém, PA, Brasil